



Presença

Fundação Cuidar o Futuro

Fundação Cuidar o Futuro

Presença

JANEIRO
FEVEREIRO
1955 — N.º 7

J. U. C. F. — FILIADA NA «PAX ROMANA»

Sumário

Doema para ser lido amanhã

Direitas

A propósito de vocações

...E a alma dos pais?

Espírito de missão

Para poder educar

Não vim para ser servido...

Pausa

A descoberta de um mundo novo

Noticiário da «Pax Romana»

Escolhendo o Caminho

Antoine de Saint-Exupéry

Página de Antologia

Não matarás

Noticiário da J. U. C. F.



Fundação Cuidar o Futuro

Poema
para ser lido
amanhã

Se o dia viesse
Como nós queríamos,
Acabavam-se as caras angulosas
E os olhos gelados e duros
Dos que têm fome.
Se viesse a manhã silenciosa
Cheia de vida — que dói por ser tão vida —
Aquela manhã que desejávamos,
Rasgada lado a lado
E cedendo a todos
O mesmo sol enorme...
Se o dia viesse
Exactamente como nós queríamos,
Nunca mais a grande noite havia de chegar,
Porque todos os homens se tornavam bons
E passavam a sonhar, suspensos no ar
Encostados ao dia.

Maria da Graça Varela Cid

DIREITOS



Em cada esquina da Vida, a palavra assalta-me com a vibração es- carlate de um grito.

Reivindicação do homem feita ao homem, à qual todos se julgam au- torizados legitimamente. E de cada boca soam reclamações e exigências: além, queixume por direitos violados; aqui, afirmação de direitos que se hão-de impor.

Mas não serão os homens apenas justos quando os exigem e invo- cam? Quem soubesse ter amor suficiente para lhes responder, sempre! Porque, afinal, é justiça que nos devemos mutuamente: o próximo não se me opõe como inimigo; completa-me como irmão.

Os seus direitos são-me sagrados, ainda mesmo quando, para que se cumpram plenamente, tenha de espezinhar um pouco daqueles direitos que tomo exageradamente por meus.

É por isso que, embora o cansaço me vergue os ombros, há com cer- teza quem tenha direito a um pouco do meu repouso...

Se quero rir despreocupadamente, há muitos que têm direito à minha participação nas suas lágrimas...

Se, pelo contrário, sinto necessidade de chorar baixinho, no silêncio da minha alma, os outros têm direito a um pouco da minha alegria como têm direito a uma fatia do meu pão...

Mas há também os direitos alheios, à minha inteligência, ao meu trabalho, às minhas horas livres...

E à Verdade que não é minha mas de Deus, e trago comigo para a dar a todos, porque todos têm direito a Ela...

Mais alto, porém, que os direitos dos homens, falam os direitos que à Igreja assistem de me pedir contas do seu mandato... E os direitos que possuí o Senhor meu Deus tanto à minha vida como à minha morte...

.....
Esmagada sob todos eles, poderei gritar ainda pelos meus direitos?

A propósito de

VOCAÇÕES

Tu que te debates na angústia duma interrogação procurando freneticamente arrancar ao futuro o seu segredo, querendo saber já se demora o caminho que deves seguir, repara no exemplo de alguém que também um dia teve de escolher e soube ouvir os apelos do Senhor; e respondeu; e cumpriu.

Tu, que te apavoras com o receio íntimo de ver fugir a juventude antes de teres feito dela alguma coisa de valer a pena, repara noutra juventude que se não perdeu porque generosamente se deu, constantemente, indefinidamente.

Tu, que no bulício duma vida complicada e na inquietação do que há por fazer, perdeste a calma — vem retemperar o teu espírito na recordação de quem tanto tempo esteve entre nós como presença de serenidade e de paz.

Depois de 17 anos, a Júlia deixou de ser a Presidente Nacional da J. C. F., mas continua entre nós. Se a procurares hás-de encontrar ainda no seu sorriso acolhedor e fresco aquela disponibilidade de alma que está atenta. Há-de encher-te uma enorme paz como se deixasse de haver mal no mundo e se escapassem todas as tuas preocupações. Da Júlia, irradia coragem e segurança, aquela segurança que se desprende de quem realiza a vontade de Deus, a vocação de cada instante — e por isso como que dispõe do próprio poder divino.

Essa suavidade, paz e segurança, que a Júlia dá, revela uma vida em ordem e em dia, um caminho percorrido com generosidade incomensurável. Uma vocação ouvida e seguida com a simplicidade das almas grandes. E ao fim de tanto tempo de trabalho ao serviço de Deus e da Igreja, na J. C. F., para além de todas as recordações de lutas ou de fracassos, a Júlia tem a certeza de ter seguido o bom caminho. Com a simplicidade com que aceitou cada novo ano de trabalho na J. C. F., deixou há pouco de ser a Presidente Nacional. E com a certeza simples de quem cumpriu, assegura-nos que, se voltasse atrás, teria retomado precisamente o mesmo caminho.

Pudéssemos todas nós em qualquer altura da nossa vida, em que fosse oportuno um olhar retrospectivo, confessar a nós mesmas com esta simplicidade e esta certeza: escolhi o melhor caminho. O exemplo da Júlia é estímulo para nós, que vivemos quase todas a idade das grandes decisões. Nós, que queremos aceitar a escolha que Deus fez para nós e

nunca procurar loucamente o caminho dos nossos caprichos vãos, queremos aquele, onde mais perfeitamente poderemos servir, queremos-lo corajosamente e com sinceridade. Só uma escolha sincera e generosa nos dará a graça necessária, a força de cumprir. Ela nos há-de garantir o entusiasmo sempre novo de aceitarmos, cada dia, a nossa tarefa. Só a certeza de ir indo por onde devemos, nos encoraja a recomeçar, sempre, com alegria e dedicação. Por isso, a Júlia recebia cada novo ano com a mesma frescura com que entrou para o seu cargo. E recebia cada nova dirigente com o mesmo interesse com que terá ouvido os problemas da primeira que a procurou. Por certo, nenhuma de nós sentiu nunca as próprias preocupações demasiado mesquinhas, porque a Júlia nos acompanhava nos mais pequenos assuntos que lhe levávamos. Ela tudo compreendia e a todas entendia. Nela, está a sabedoria, aquela sabedoria que é participação do conhecimento perfeito que Deus tem de tudo. A Júlia compreendia e solucionava todas as coisas. A Júlia entendia e ajudava todas as suas raparigas. Com alma sensata, com alma jovem.

Qual o segredo dessa juventude? Participação da juventude eterna de Cristo. Uma doação constante de si mesma, pois a generosidade é apanágio dos jovens. Não é, guardando as forças e a alegria, que se não envelhece, mas gastando-as sabiamente ao serviço de Deus. Não se é novo, quando se guarda egoistamente a alma sem servir para nada; mas, quando nos atiramos sem cálculo ao alargamento do Reino de Cristo.

E a empresa que nos excede e que cada dia nos oferece perspectivas novas de novas sugestões e exigências — é que nos faz novos, porque constantemente nos mostra a nossa pequenez diante do infinito; porque constantemente nos faz sentir as forças latentes que ainda não empenhámos; porque indefinidamente nos convida a uma geração da nova. Só quem deu tudo, completamente tudo, pode dar mais, indefinidamente mais. Só quem cumpriu perfeitamente, empenhando a alma inteira, está, de novo, pronto a começar, encontrando uma alma nova para de novo se dar.

A Júlia guardou a juventude, porque a deu sem reserva à Juventude.
À Júlia — que fique sempre jovem na vida que começa!

«Ser homem é, precisamente, ser responsável. E ficar-se envergonhado perante aquela miséria que parecia não depender de nós. É orgulhar-se da vitória que os outros alcançaram. É sentir, ao colocar a nossa pedra, que se contribui para construir o mundo.»

A. de Saint-Exupéry
in «Terre des Hommes»

...E a alma dos pais?

É já lugar-comum dizer-se que a família tem uma influência importantíssima na formação da criança. Mas vale sempre a pena voltar a insistir naquelas ideias que o comodismo ou a ignorância muitas vezes tentam apagar.

«...À memória da nossa infância!...»

É na família que a criança recebe, nos primeiros tempos de vida, todos os cuidados de que precisa, que se vê rodeada dum ambiente de ternura e de confiança que são as bases duma personalidade sã.

Na família a criança encontra traduzida em costumes, em tradições, em estilos de vida característicos, uma certa filosofia de vida. Aí, à influência do pai e da mãe, cada um segundo o modo que lhe cabe, alia-se a própria linguagem do lar. Linguagem que é aquele suave encanto que se desprende das coisas e que acorda na alma infantil todo um mundo de poesia. A casa fala à criança com um espírito próprio, feito da alma das gerações que por ela passaram. Grandezas e quedas, alegrias e dores, em cada época fizeram a família ganhar a «patine» do tempo e ficaram, numa sensação imprecisa, a pairar no ar e a acordar na alma infantil ressonâncias por apelo desconhecidos. Por isso, o grande refúgio dos momentos dolorosos, como muitas vezes a força dos períodos difíceis, está no regresso à infância que fomos um dia. E venham à lembrança uma das «cenas infantis» de Lopes Vieira:

«Em todos nós,
Lá bem no fundo
Existe
N'alma de agora, triste,
Perdida em névoas de distância
A memória da nossa infância...

Dos cantinhos do longe
Que ternura...
E que doçura
Vêm d'além...»

Esta influência do espírito familiar resiste habitualmente a todas as investidas posteriores e exteriores. E quando a criança é subtraída a essa influência para se incorporar numa massa anónima e inqualificada (como acontece na maior parte dos asilos, creches, reformatórios e até jardins

de infância) perde a personalidade, tornando-se numa unidade pouco diferente das outras por lhe faltar a base afectiva indispensável. Precisa do pequeno grupo familiar onde se sente plenamente compreendida e onde ganha a sua individualidade própria.

Qual é a atitude da família nos nossos dias?

A maioria das famílias, quanto à maneira como realiza a educação, pode talvez agrupar-se em três tipos distintos.

Em primeiro lugar, as famílias que se não preocupam de modo nenhum com o problema.

As crianças são encaradas como objectozinhos de muita estimação de que é preciso cuidar, alimentando-as bem e vestindo-as ricamente. Quando muito, indica-se meia dúzia de coisas que é proibido fazer e outras tantas que são «sinal de educação». Escusado será dizer que não há sequer, neste caso, qualquer processo educativo.

Encontramos depois as famílias que ensinam o erro, mais ou menos conscientemente é certo, mas sempre culpadas. Está, neste caso, a mãe que acha bem os filhos cabularem nos exames; a mãe que é capaz de mentir descaradamente, e por isso ensina a mentir; os pais que, lançando um silêncio inquietante sobre as leis fundamentais da vida, ensinam a malícia; os que, unicamente preocupados com o dinheiro e a saúde, ensinam o primado das coisas materiais sobre as espirituais; os que, pela sua mediocridade, apagam toda a chama de ideal.

Finalmente, encontramos as famílias bem intencionadas em que existe realmente uma preocupação de educação.

Acontece, porém, que em muitos casos a preparação inadequada, o desinteresse quase total por tais problemas durante a juventude, a passividade intelectual e moral, em que esta habitualmente decorreu, impossibilitam a realização prática de tal obra.

Raras são, portanto, as famílias capazes de levar a criança a realizar-se totalmente.

Comprometido o ideal de educação que deveria nortear as famílias, o problema na prática complica-se ao concretizar-se em determinados grupos sociais onde ganha cores mais fortes, devido à miséria ou às concepções burguesas de vida. A promiscuidade material em que a criança é obrigada a viver em muitos bairros pobres, significa quase univocamente a impossibilidade duma vida pura. É aí que toma vulto e exige a nossa colaboração de universitárias, o problema habitacional das classes pobres, ainda por resolver no nosso país.

A promiscuidade moral, sinónimo da falta de delicadeza de alma com que a tratam, na ignorância do que é íntimo e sagrado e intangível para cada pessoa, mesmo para uma criança, levam-na à perda do sentido de beleza e de reserva interior.

O que a criança pede que a família seja

Destinada, como todas as instituições, a servir a pessoa humana e não a ser servida por ela, a família tem, em relação à criança, unicamente os direitos que são a tradução dos seus deveres. Isto significa que perante a família, como perante a escola ou o Estado, é também sagrada a inviolabilidade e a liberdade da pessoa humana. A família não pode, portanto, sob pretexto algum, abafar ou desviar o espírito infantil em formação. Mais: tem de respeitar as exigências legítimas e profundas da psicologia infantil, cabendo-lhe unicamente orientá-las, esclarecê-las e proporcionar-lhes as condições de mais completa realização.

Assim, a família tem de aceitar a vitalidade da criança, deixando-a expandir-se à vontade, sem lhe impor contrangimentos inoportunos, (tendo, é claro, o cuidado de lhe criar na alma a preocupação do dano que os excessos possam causar nos outros).

Fundamentalmente, a atitude da família perante a criança tem de ser a tradução da justiça actuante. O amor que a família naturalmente lhe vota, não há-de emparedá-la na presa fácil do egoísmo.

Atenta às mais elementares manifestações da alma infantil, a família tem de ajudá-la a realizar-se em serviço e em amor dos outros.

Para isso toda a família tem de viver num clima intenso de generosidade e amor — a criança tem de sentir que à sua volta todos são profundamente solidários e que ela tem de ser mais um elo nessa cadeia familiar. E, para além dos muros da casa, a família tem de ser uma comunidade aberta às outras comunidades — a criança alargará assim o seu sentido familiar aos companheiros de brincadeira ou de estudo e a pouco e pouco ir-se-á inserindo conscientemente nas diferentes comunidades que a ajudarão a adquirir todas as dimensões humanas.

A criança precisa de verdade e de actualidade. Guiada pelas ideias mestras e imutáveis da vida, a criança surge numa determinada época e é nessa época que há-de realizar-se.

Pelas descobertas incessantes e inevitáveis e pela consciência que possui de que se está construindo a si própria, a criança anseia por se ver completa — está muito mais voltada para o futuro que para o passado. Ora há, sem dúvida alguma, certas características da antiga família patriarcal que se perderam. Não se trata, evidentemente, de voltar atrás; o que importa é ultrapassar as dificuldades inevitáveis.

Urge fazer um esforço de adaptação. Muitas famílias estão enquistadas ainda em fórmulas antigas. As boas tradições não chegam já. Talvez chegassem em épocas mais estáveis e mais calmas do que a nossa. Então, tudo se sucedia num ritmo bem determinado pela lenta evolução dos fenómenos sociais e económicos, dos próprios meios de comunicação entre os homens. Hoje, tudo tem lugar a uma velocidade ultra-sónica. O enquadramento de vida de cada um está mudando sempre. Hoje, não basta o bom senso para educar.

«Vivemos numa época de metamorfoses sociais e económicas, numa época onde os critérios de moralidade evoluem pelo menos nas suas aparências, numa época também onde novas camadas sociais que nunca conheceram as mesmas tradições têm necessidade de adquirir rapidamente um valor educativo, como aprenderam a ler ou a conduzir automóveis ou aviões».

Seremos educadoras um dia. Ajudaremos os outros a sê-lo. Duma forma ou de outra, não pode deixar-nos indiferentes o problema aqui esboçado. Cada uma terá de aprofundar cada um dos aspectos que ele reveste.

Para isso, não podemos contentar-nos com meia dúzia de ideias no ar nem fiar-nos nas nossas «santíssimas» intenções.

Temos de ser, em face das crianças, plenamente responsáveis. E que mais tarde, por ignorância ou egoísmo ou desleixo ou desinteresse, não nos queime a alma a acusação breve mas profunda do Poeta (1):

«Deitou-se a menina
da varanda abaixo.
Fugiu com o moço.
— Não podia mais.

Fugiu para onde
ninguém lhe ralhasse,
fossem naturais
os beijos que desse.

Lá vai a menina.
Lamentam-se os pais.
Murmuram vizinhas
e gatos e cães.

Lá vai a menina...
Tinha a alma branca,
branquinha ficou.

...E a alma dos pais?

Maria de Lourdes Pintasilgo

(1) «Canção inocente» de Sebastião da Gama, in «Cabo da Boa Esperança»

Espírito de missão

Não vão longe os tempos em que, debruçadas sobre um compêndio de História, nos deixávamos seduzir por aquelas figuras de Santos e de heróis que, nas terras longínquas do Império, empreenderam a grande obra missionária. Habitúamo-nos a vê-las nimbadas de uma luz de santidade e a meditar nas suas vidas, impregnadas de mistério e de martírio. Nomes como os de S. Francisco Xavier ou S. João de Brito, soam aos nossos ouvidos com uma ressonância estranha e profunda que nos edifica e atrai... E, quando nos assalta a tentação de relegar as suas obras para o passado, chegam até nós, como marca de continuidade, os exemplos gritantes de missionários dos nossos dias. Então, com um secreto orgulho e num gesto de veneração, somos levados a afirmar que Portugal «é uma nação missionária»...

Porém, quando a realidade nos toca bem de perto, quando a palavra «missão» se traduz num imperativo que exige a doação do nosso próprio ser, então, remetemo-la para seres «de eleição», figuras que nós designamos «excepcionais», apenas porque sabem corresponder a um apelo divino... logo pensamos em África, na Ásia, nas Américas — (aí, sim, é que é ser missionário!...) — e, entretanto, vamos recusando a aldeia perdida entre montanhas ou a vilória simples e rude à beira do mar, numa província talvez não muito distante daquela onde vivemos, e onde Deus nos chama a exercer a nossa missão. E recusamos porque nos falta o sentido missionário da profissão. A prova é cada pela própria vida que, a cada passo, nos surpreende: quem não conhece os casos de tantos jovens, que cruzaram, ombro a ombro, connosco pelas turmas do liceu, transbordantes de belos sonhos e altos ideais, e que ao passarem pela Universidade ou ao deixá-la, os puseram de parte como peso incómodo e inútil?! E quantos desses jovens eram uma promessa de fervoroso apostolado na sua profissão!...

Quantos rapazes e raparigas se decidiram pela medicina, por exemplo, atraídos pela presença suave daquele Jesus «que percorria as cidades e aldeias, pregando o Evangelho do Reino, curando toda a doença e toda a enfermidade» (Mat. IX, 35), e ao cabo de alguns anos de estudo, ou no fim do curso, preferiram uma vida fácil de burgueses instalados...

Quantos colegas nossos deixaram o ambiente acolhedor do lar, na sua aldeia, e vieram para a Universidade, impelidos por uma ânsia enorme de conhecimento, que um dia poriam ao serviço da sua própria terra — e acabaram por renunciar a esse ideal de servir, só porque a cidade lhes apresentou meios de uma vida cómoda, de adquirir talvez uma ambiciosa riqueza...?

Quantos diplomados aceitarão a sua nomeação para uma escola distante, isolada, ou quantos a escolherão voluntariamente, só para po-

derem responder com um «sim!» alegre e disponível ao «Ide, ensinai...».

Raros são, em verdade, os casos dignos de serem apontados como exemplos. Raros, sobretudo, porque falha o sentido missionário na vida profissional, porque falha, antes de mais, o espírito de missão!

Que queremos dizer com isto? — que, em geral, não são apreendidas, em toda a sua extensão e profundidade, as dimensões da Caridade. Começa-se por não ter a consciência plena de que se é «enviado» (como o sugere a própria palavra «missão»), de que se é portador de uma mensagem cuja expansão não suporta horizontes acanhados, e acaba-se por não tomar a profissão como meio expressivo dessa mensagem.

Ter espírito de missão é apreender a latitude do imperativo do Mestre — «Ide, por todo o mundo»... — e aceitá-lo, tal como é, pesado de grandeza, de exigência e de Cruz... É sentir que os nossos passos de estudantes ou já de profissionais, são uma participação no dinamismo missionário dos Doze, ou talvez mais precisamente, dos Setenta e Dois que partiram...

Ter espírito de missão é recapitular na nossa própria carne e na nossa própria alma a tarefa precursora de um S. João Baptista; é imitar o Cristo Missionário das terras da Galileia ou das margens do lago de Tiberíades; é repetir qualquer um dos apóstolos, dos missionários, abarcando todos os homens, numa projecção de Amor tão vasta como o mundo...

Ter espírito de missão é estar pronto para «partir» e partir significa sempre «abandonar»: ter a coragem, a audácia de abandonar os interesses pessoais, de abdicar de todo o comodismo, de fechar os olhos às reclamações do momento, para ir ao encontro da Única Reclamação, que é a de que vale a pena abandonar os sentimentalismos, com um caridosamente, um a um, todos os obstáculos que os outros, inclusivamente a própria família, por vezes levantam, compreender, afinal, até ao fundo, sem medo de dor, as palavras sagradas: «Vim separar o filho de seu pai e a filha de sua mãe... o que ama o pai ou a mãe, mais do que a Mim, não é digno de Mim...» (Mat. X, 35-37).

Ter espírito de missão é manter contra tudo e contra todos a aspiração imensa de «ser melhor», mesmo quando o mundo à volta, inebriado pela ânsia desmedida de «ter mais», aconselha o meio-termo, o «praticamente lucrativo»... e integrar, nesse desejo veemente de superação, a própria aptidão profissional e cultural. «Conquistar sem limites, para dar também sem limites» — eis a palavra de ordem. Pobre daquele que, ao sentir-se esmagado pelo isolamento, pela rudeza ou ignorância do meio, alguma vez pôs termo na sua valorização — terá aniquilado esse sinal «mais», que é a Cruz, a assinalar a sua própria missão.

Ter o espírito de missão é, afinal, enfrentar a contradição, o risco, pela Cruz, sem receio, esse receio tantas vezes camuflado de prudência, o motivo de tamanhas cumplicidades e desvios..., é, apenas, isto: ser dentro da vocação, a que cada um foi chamado, na profissão que cada um escolheu, destemidamente apóstolo, integralmente cristão!

Maria Joana Emiliano

PARA PODER

educar

É muito grave o problema do licenciado que entra na vida profissional com o seu diploma e alguns conhecimentos teóricos, mas desconhecendo o meio em que vai trabalhar, os métodos que deve empregar, as dificuldades inerentes à sua actividade profissional, o objecto concreto do seu trabalho, a finalidade a atingir, a clara visão dos problemas morais que terá de enfrentar. Se isto é grave em qualquer campo de actividade profissional, muito mais ainda quando se trata da missão de ajudar crianças e adolescentes a abrirem-se para os altos valores da vida e a conduzirem-se segundo esses mesmos valores.

Em quatro ou cinco anos de estudos universitários, desligados dos interesses concretos da futura vida profissional, como preparar-se o professor para educar trinta ou quarenta cabecitas irrequietas, por turma — às vezes trezentas e quatrocentas crianças que lhe são confiadas por ano?

Há quem reduza as dificuldades a impingir o programa em doses maciças e rápidas. E o êxito será tanto maior quanto menor for o número de reprovações. Outras vezes, quando a matéria não obriga a exames, são os trabalhos do fim do ano — as clássicas exposições — que submergem as crianças e os obrigam a uma «corrida ao quem tem mais e melhor». Os casos morais resolvem-se também por forma simplista: uma «descompostura» em tom ameaçador, uma «falta» de mau comportamento ou o recurso ao conselho disciplinar, e mais nada.

Ora os casos morais que surgem, de vez em quando, em todas as escolas, não são ilhas macabras que surgem no mar bonançoso do comportamento infantil e que desaparecem com o emprego de uma «bomba atômica» disciplinar. São como bruscas erupções de actividade surda derivada de graves desvios morais, psicológicos e até fisiológicos, que é preciso tratar por processos de esclarecida pedagogia e num ambiente apropriado. Nem uma simples lição de moral viria resolver esses casos, mas uma ampla acção em que os educadores, as crianças e seus pais colaborassem sob todos os aspectos que o caso exigisse.

Alguns professores, porém, encaram a sua missão com a consciência de que estão formando uma obra onde a ciência e o mistério têm de ser respeitados, onde a natureza e a graça têm a sua parte actuante, para que a criança de hoje e o homem de amanhã vão desenvolvendo livremente a sua personalidade. Para estes não pode satisfazer a «descompostura» e a «falta» de mau comportamento e o conselho disciplinar. Sentem intensamente a sua falta de preparação, sofrem com os seus fra-

cassos, tateiam, procuram remediar e compreendem que, se algo depende — e não pouco — do ambiente que cerca a criança e de uma acção conjunta, muitos erros se poderiam evitar com uma sólida preparação do professor, não só como bom conhecedor da matéria que pretendo ensinar, mas também e fundamentalmente do pedagogo que todo o professor deve ser, isto é, do servidor da criança, que a acompanha diariamente no seu evoluir, nas exigências do seu desenvolvimento vital, nas expansões dos seus «períodos sensíveis» (para usar uma característica expressão montessoriana), na formação da sua personalidade, na sua preparação para a vida.

Sobre o problema da técnica pedagógica, parece-me de incalculável alcance a criação de institutos ou escolas de educadoras, onde estas possam iniciar-se, sem correr o risco das experiências falhadas, dos fracassos, dos erros pedagógicos; onde, no seu contacto com as crianças, sigam orientações bem esclarecidas, aprendam praticamente a resolver os problemas delicados da educação e a exercer a sua função dentro da aula e dentro da escola; onde se exercitem criteriosamente nos métodos activos; onde se faça o estudo crítico das correntes pedagógicas dominantes e se tome conhecimento com as obras nacionais, estrangeiras e internacionais de maior importância; onde se tenha ao alcance uma biblioteca pedagógica suficientemente completa e se facilitem visitas de pedagogos de aquém e de além fronteiras e se acompanhem estas visitas de círculos de estudo e demonstrações práticas, etc. Criar-se-ia, desde o início da vida profissional, uma forte consciência da missão educativa, competência pedagógica, condições estimulantes de aperfeiçoamento e, porventura até, de especialização pedagógica. Mas que o pedagogo nunca se dê por acabado e muito menos quando apenas souber de cor algumas doutrinas e for capaz de aplicar mecânicamente uma técnica. Ele é, acima de tudo, um comunicante de vida e de verdade e só se realizará de forma completa na medida em que possuir a Vida e a Verdade eternas.

Maria Luísa Val do Rio

«Os fracassos fortalecem os fortes. Infelizmente, entre os homens joga-se um jogo em que conta tão pouco o verdadeiro sentido das coisas. Ganha-se ou perde-se, segundo as aparências. E fica-se manietado por uma aparência de derrota.»

A. de Saint-Exupéry
in «Vol de Nuit»

NÃO VIM

PARA SER SERVIDO...

Muito se fala hoje em Serviço Social mas pouco se pensa talvez que este não é simplesmente uma missão a que algumas foram especificamente chamadas: aquelas que estão nos cursos de Serviço Social.

Todo o cristão, pelo facto mesmo de ser cristão, é chamado a servir. Discípulos dum Senhor que não veio para ser servido mas para servir, não podemos recuar perante esta exigência sem trair a nossa vocação de cristãos.

Desde os primeiros tempos da Igreja que o serviço dos outros se definiu como qualquer coisa de inerente à sua própria vocação, traduzindo-se numa caridade efectiva que não se limita a reconhecer e porventura lamentar os sofrimentos alheios, mas vai de encontro a eles procurando aliviá-los, os grandes como os pequenos, os materiais como os espirituais.

E para que realizemos esta missão de serviço que tem na Caridade as suas raízes e que dela deriva necessariamente, não é indispensável que trabalhemos em obras de catequese, de visitas a pobres ou de qualquer outra forma específica de apostolado. Se estas podem ser uma concretização do nosso corresponder a essa exigência, contudo não a esgotam de forma alguma.

Servir não é qualquer coisa que se faz das tantas às tantas, em certos locais e com certas pessoas, mas é algo de muito mais que tudo isso.

É um dar-se a cada momento às necessidades dos que nos rodeiam, pobres ou ricos, estranhos ou da família.

É uma disponibilidade total e uma caridade total que os outros sentem e que os anima a vir ter connosco.

É um não guardar nada para si, mesmo com sacrifício, porém com alegria.

Serviço que supõe renúncia, renúncia por vezes a muito de útil e de legítimo e que sob o ponto de vista humano e intelectual nos poderia até valorizar. Mas renúncia que não é mutilação, que não é empobrecimento, antes um esvaziar de nós mesmos para que Deus em nós encontre mais lugar.

Serviço dos outros que em Cristo tem o seu princípio e o seu fim, serviço que só é autêntico quando se confunde com serviço da Igreja.

Serviço que exige um espírito de Fé que nos faz situar no plano de Deus. Que importa não ver o fruto dos nossos esforços se sabemos que eles resultarão, talvez mesmo noutra espaço ou noutra tempo?

E até as coisas mais pequenas, as mais ignoradas, as mais maçado-
ras, podem ter um sentido de serviço. Importa que lhes demos todo o seu
significado humano e divino, que as tomemos como a vontade de Deus
no momento. Importa que as façamos com alegria, alegria que vem do
Amor. E o esforço diminui na medida em que o Amor é maior...

Mas se há que lhes dar todo o seu verdadeiro valor, há também que
não lhes dar mais que o justo valor. Por muito importante que seja uma
coisa é sempre menos importante do que uma pessoa. E quantas vezes
nos sentimos tentadas a afastar uma pessoa por causa dum coisa. E tal-
vez que essa aproximação fosse para ela ocasião de Graça, ocasião que,
se nós a perdermos, nem sempre voltará.

E depois que não tenhamos um ar de cansaço, o ar de quem vive
absorvido, esmagado, por preocupações, por responsabilidades. O ar de
quem não tem tempo sequer de olhar à sua volta. Aquele ar gasto que
tantas vezes tomamos quando o Senhor nos pede algo de mais difícil,
aquele ar que tanto afasta os outros.

Pois se sabemos que o Senhor nos ama e se realmente O amamos, se
sabemos que Ele olha por nós — que valemos mais que os lírios do
campo e as aves do céu — como não estar cheios de alegria, alegria que
transborda, que se comunica aos outros, alegria de servir, alegria que é
serviço?

Conhecemos a nossa miséria, a nossa incapacidade tantas vezes pe-
rante o que nos é pedido. Mas talvez até porque nos viu tão fracos o
Senhor nos chamou à nossa fraqueza torna-se assim ocasião de Graça.
Se de alguma coisa fôssemos capazes, menos lugar ficaria para a acção
de Deus. Mas porque nada podemos será o Senhor a fazer tudo em nós e
Ele pode tudo...

E para nós fica apenas a docilidade ao Espírito...

Maria Suzana Gaspar de Almeida

*«O que modestamente guarda rebanhos à luz das estrelas, se tomar
consciência do seu papel, descobrir-se-á mais do que um servo. É
uma sentinela. E cada sentinela é responsável pelo império inteiro.»*

A. de Saint-Exupéry
in «Terre des Hommes»

PAUSA

«Nós somos um diálogo»
(Hölderlin)

*Veio a dor na noite escura
Mesmo no fim da noite.
(Sabe-se lá se era a dor!)*

*Nasceu uma esperança,
Cantou um sonho,
Floriu um dia.
(Sabe-se lá o que seria!)*

*Morreu uma estrela
Começou um ninho.
E eu chorei porque queria
Outro céu e outro mar,
Outro caminho para andar.
(Sabe-se lá se queria!)*

Fundação Cuidar o Futuro

*E estes dias, sombras doutros dias,
E estas horas, sombras doutras horas,
E esta carne e este sangue e este grito,
Esta dor de trincar raízes
Que haviam de ser frutos,
Esta mágoa de calcar o chão
Com mil estrelas, mesmo ao alcance da mão,
Esta vertigem de correr pelo espaço
Sem mudar de lugar...
... ..
Ai, este querer e não querer,
Princípio e fim,
Ai, este sol que anda sempre a pôr-se
dentro de mim...*

Maria Luísa Guerra

À descoberta de UM MUNDO NOVO



Ainda que bastante se fale e escreva entre nós a respeito da África, não são decerto muitos os portugueses que conhecem a fundo a situação e se interessam, na verdade, pelos problemas desse continente — que, afinal, nos toca tão de perto, não só pela sua proximidade geográfica, mas sobretudo porque nele se estende a maior parte do território nacional. Aliás, para o europeu, na generalidade, a África costuma ser — enquanto ele a não conhece por experiência própria — uma terra singularmente estranha onde a vida se desenrola em contrastes de dureza e de encanto; mas, se já lá viveu ou vive ainda, a visão de fantasia que tinha criado depressa se apagou dos seus olhos, e não ficou mais do que o prosaísmo vulgar da terra com suas riquezas para explorar à vontade, com seus habitantes para submeter facilmente. Raros são, de facto, os que vão lá para se dar, sem egoísmo, ao trabalho árduo, persistente, da valorização dos imensos recursos naturais da terra e da gente, sem nada lhe pedirem em troca.

Desde o início da sua descoberta, o continente negro — bem ao contrário do que sucedeu com a Ásia — não se mostrou dificilmente permeável à penetração europeia — salvo, como é óbvio, as excepções que, em certas zonas, foram ditadas ou por deficientes condições do próprio território, ou por oposição tenaz dos nativos. De maneira geral, quando os europeus ali penetraram, depararam com um continente quase virgem, rico em potencialidades de toda a ordem, mas fracamente marcado ainda pela presença do homem, que apenas se afirmava através das formas rudimentares de uma civilização incipiente, onde quase só se vislumbrava notável riqueza de elementos etnográficos, fortemente dominados pelas condições ambientais. Apenas no norte — que desde longa data mantivera contactos com a Europa e a Ásia, por intermédio de Cartago, grande potência comercial, e do Egipto, detentor de brilhante civilização — apenas no norte, dizíamos, o panorama era completamente diverso, moldado sobretudo por vários séculos de uma cultura já então notavelmente evoluída: a do mundo islâmico, cujas concepções de vida (aliás, de próxima origem asiática) de há muito se mantinham em luta aberta com as formas europeias e tornaram sempre difícil a nossa penetração por essa zona.

No entanto, a relativa permeabilidade que todo o restante território africano ofereceu a influências estranhas veio a ser, de certo modo, grandemente prejudicial. Efectivamente, deslumbrados talvez pelo exotismo do clima de vida que foram desvendar, e, em especial, pela existência fácil que anteviam para si e pelas riquezas que vislumbravam já na sua posse, muitos dos que se seguiram aos nossos primeiros descobridores esquece-

ram depressa o ideal de apostolado — a sede de «fazer mais Cristandade» — que sobretudo impelira o Infante D. Henrique à busca de novas terras, para quase só pensarem na melhor forma de extrair dessa empresa grandiosa — transformada assim em intuito mesquinho — todo o lucro para si próprios e para os seus países. Não cuidavam, entretanto, de fazer em África — como, desde logo, o pensaram e quiseram realizar os missionários — para além da descoberta ambiciosa das riquezas materiais por explorar, uma descoberta mais profunda, e, sobretudo, mais humana e mais cristã: a das reais capacidades de vária ordem, latentes no próprio fundo indígena, rico de cambiantes em contraste — na sua índole exótica, nas suas instituições rudimentares, nos seus costumes primitivos, nas suas manifestações artísticas, na simplicidade da sua vida, na própria rudeza das suas reservas espirituais com tendência vincada para o maravilhoso, para o mítico — afinal, em tudo o que, em vez de friamente reduzido a rígido esquema europeu, poderia ser valorizado, enriquecido, de certo modo transformado, sem contudo abafar, por completo, as inclinações naturais — antes sabendo aproveitar nelas tudo quanto de aproveitável pudessem vir a ter.

Afinal, o panorama que a África oferece ainda em nossos dias é o de um vasto território retalhado por extensos domínios na posse de diversas nações europeias, constituindo verdadeiro axadrezado das mais variadas influências — que se impuseram e sobrepujaram ao fundo da incipiente civilização indígena (ameaçando destruir-lhe a alma), sem serem profundamente assimiladas e transformadas no sentido do aproveitamento e valorização dos elementos nativos.

E é decerto por que não em si só compreendido, no seu significado autêntico, o sentido da missão colonizadora — excepção feita, como já se notou, para os missionários, cuja influência, todavia, é de lamentar que não possa ter ainda, em extensão, o mesmo alcance que por vezes tem tido em profundidade — é decerto por isso que só agora, volvidos cinco séculos de presença europeia, a África começa verdadeiramente a tomar consciência das possibilidades que encerra em si mesma, e a querer definir a sua posição e encontrar o seu rumo no mundo dos nossos dias. Essa consciência tardia das próprias possibilidades veio trazer consigo um desejo incontido de autonomia, que se vê a evidenciar-se febrilmente e por todas as formas nos últimos tempos, na tentativa de fazer recuperar, talvez, em poucos anos, a liberdade que se considera negada por largos séculos de sujeição a tutelas estranhas.

Ainda na plena posse de todos os seus recursos naturais insuficientemente aproveitados, a velha África está despertando agora, em toda a sua pujança, para uma nova juventude. Desenvolvem-se no seu seio os germens de novas nações. Ansiosas da emancipação, que tem tardado e entendem ser-lhes já devida, querem, precipitadamente, convencer-se de que se bastam a si próprias e de que já criaram todas as condições para essa emancipação total em relação à Europa — atitude que lhes é ainda pe-

rigosa e insegura. Mas, por sua vez, a Europa não tem sabido adaptar-se, com justo equilíbrio, às exigências actuais da evolução verificada, nem compreender o alcance extraordinário da missão que — embora em dimensões novas e em moldes inteiramente diferentes — tem ainda a desempenhar em relação ao continente africano. Com efeito, a partir dessa conjugação Europa-África — que levará à actualização das potencialidades imensas de uma, com o contributo da maturidade intelectual e do maior poder realizador da outra — poderá a África vir a encontrar, finalmente, o seu rumo, e achará talvez ainda a Europa renovo de energias e solução para alguns dos seus problemas.

Contudo, é ainda longo o caminho a percorrer para este mútuo entendimento. À geração actual de africanos e europeus, compete recuperar o tempo que muitas outras perderam, e tomar consciência plena da tarefa que neste campo se lhe impõe e se estende tão vasta a todos os sectores da actividade humana em África.

Antes de mais, urge tomar todas as medidas viáveis, tendentes a melhorar as condições de vida da maioria das populações indígenas, empreendendo persistente, demorada, mas eficaz e profunda acção educativa, no sentido da possível e adequada formação espiritual, moral, social e mesmo política de gentes que, em grande parte, vivem ainda num primitivismo quase pré-histórico. Obra, por si só, gigantesca e cheia de dificuldades de toda a ordem, mas inadiável — que traz implícito o natural respeito da dignidade inerente a toda a pessoa humana, devido aos nativos africanos, como o é a quaisquer outros. E, com isto, a regulamentação do trabalho indígena em bases humanamente justas, e a promoção do aproveitamento inteligente dos imensos recursos naturais da terra, onde regiões extensíssimas por desbravar poderão empregar utilmente, na valorização das suas fontes de riqueza, milhares e milhares de seres humanos, arrancados assim à miséria em que vivem ainda. De facto, o aproveitamento agrícola e industrial da África (especialmente no centro e no sul), é tarefa que — não passando, em muitos aspectos ainda, de hipótese esperançosa — uma vez começada a realizar em grande escala, virá trazer em si mesma a solução de problemas que se projectam mesmo para além dos limites do continente africano.

Para realizar tarefas de tal natureza e envergadura, como as que a evolução da África está exigindo, é evidente que terá de tomar-se, como ponto de partida, fazer um inventário dos recursos de que actualmente poderá dispor-se para levá-las a efeito, e terá de caminhar-se ainda, sobretudo, para uma conjugação de esforços que multiplique as capacidades existentes. Para isso, deve-se ir trabalhando no sentido de atenuar, até certo ponto, as barreiras que resultam da diversidade espantosa de regiões naturais, de raças, de costumes, que fazem da África uma amálgama desarticulada, onde, por outro lado, a instabilidade das estruturas e a permeabilidade de fronteiras acrescentam a confusão que nasce daquelas condições particulares. Note-se que agravam ainda estes incon-

venientes as distâncias, que a configuração geográfica torna difíceis de vencer, e a carência de meios de comunicação, que poderiam facilitar, em larga medida, um intercâmbio intenso, que parece ser a primeira condição de sucesso no trabalho que há a realizar.

Não cabe, nos limites destes breves apontamentos, referência mais detalhada a tudo quanto hoje se pode tentar para a valorização da África nos mais variados campos. Mas o pouco que se disse é decerto já suficiente para dar relevo à necessidade premente de, a bem dizer, «inundar» as terras africanas de chefes conscientes, esclarecidos, aptos a tomar sobre os seus ombros a responsabilidade maior da orientação de todos os sectores de actividade que, actualmente, ali se desenham e se impõem. E, da justeza desta premissa, passamos para a justeza da conclusão: é **indispensável que a Universidade afirme em África a sua presença real**, e seja centro irradiante de cultura forte, onde vão forjar-se as bases seguras do trabalho a empreender. Dela, como sempre, tem de esperar-se a sólida formação desses dirigentes que — aí mais ainda do que em qualquer outra parte, porque está quase tudo por fazer — saibam aliar, a uma clara visão teórica global dos problemas e suas justas soluções, uma esclarecida cultura especializada e uma exemplar competência profissional e técnica, adequadas às condições especiais de trabalho, que se oferecem nos planos de actividade respectivos. E assim, enquanto, por um lado, há que tender para as grandes sínteses, no sentido de serem lançadas as bases de uma formação cultural que respeite, em toda a sua originalidade, a verdadeira «alma» do continente negro, e tenha como pressupostos os seus caracteres essenciais — senão esqueça a responsabilidade da herança espiritual que um Santo Agostinho ou uma escola de Alexandria fizeram florescer no próprio solo africano — há que adequar também a formação universitária às condições reais e necessidades práticas de cada região. Num terra, onde tanto há para realizar no plano do concreto, a preparação dos dirigentes futuros tem de ser orientada, muito até ao fundo, no sentido da realização imediata, e isso pressupõe uma cuidada especialização de nível universitário.

Urge, pois, que a África se encontre em condições de formar um es-
col de dirigentes seus, capazes de preencher tais exigências na hora presente. Ela própria está tomando disso inteira consciência, como podemos concluir da afluência crescente, em nossos dias, de jovens africanos às carreiras universitárias, cujo acesso lhes não pode ser vedado.

Todavia, a solução ideal do problema não está só, de modo algum, na vinda de estudantes indígenas — como têm sucedido até agora — para frequentar Universidades europeias, que, se em geral não se encontram inteiramente aptas a formar chefes para os seus próprios países, muito menos o estarão ainda para formar aqueles que — além de serem dotados de condições psíquicas bastante diferentes das nossas — são chamados a exercer a sua acção directa em ambiente e em circunstâncias muito di-

versas também. A deslocação de estudantes africanos para a Europa ou mesmo para a América — se, em casos especiais, pode trazer vantagens — gera, quase sempre, uma desadaptação cujos inconvenientes hão-de vir a ter séria repercussão na sua acção futura, quando regressam à sua terra (note-se que muitos deles não voltam mais, o que constitui problema grave também).

No entanto, não pensemos que está resolvida satisfatòriamente a situação com os pequenos gèrmenes de universidades — chamemos-lhes assim — que são os colégios universitários disseminados por certos territórios africanos, como, por exemplo, na Serra Leoa, Uganda, Senegal, Costa de Ouro e Sudão. Actualmente, por carência dos recursos necessários e de professores competentes, é ainda muito deficiente a preparação que podem dar, a qual não dispensa aliás, quase sempre, a vinda para as Universidades europeias ou americanas, em relação às quais aqueles colégios não preenchem, por vezes, mais do que uma função preparatória de estudos superiores (contudo, a origem do mal vai radicar mais longe, nas más condições que oferece ainda o ensino secundário).

É, pois, evidente que se impõe, em África, uma reforma radical das estruturas universitárias, no sentido de criar e desenvolver, através delas, um património cultural que revista os aspectos essenciais de que já falámos. Mas esta não será tarefa a empreender sem o concurso da Europa — até, e muito especialmente, porque essa cultura não deixará de ser incompleta e desarticulada, nem poderá fugir aos excessos de um intelectualismo estéril ou de um empirismo sem conteúdo, se não souber implantar as suas raízes profundas na vida espiritual mais elevada, fundamento de toda e qualquer acção fecunda no plano do concreto. Eis porque — de forma semelhante ao que noutra ocasião dizíamos, falando da Ásia — podemos repetir agora acerca da África, com razão não menos forte: «...aí, a Universidade terá que assumir um duplo papel: para além de mentora de intelectuais, ela tem de ser formadora de apóstolos». É que, de facto, se quisermos definir a África em duas palavras que exprimam a sua realidade actual o mais fielmente possível, teremos de defini-la exactamente como **terra de missão**.

Ninguém soube ainda compreender esta realidade melhor ou primeiro do que a Igreja, que de há muito vem dando à África os feitos dos seus heróis e o apostolado dos seus santos. Trabalho persistente de séculos, mas cheio de dificuldades tais que, em nossos dias, se contam em África por pouco mais de quinze milhões os católicos, numa população total superior a duzentos milhões! E assim, quantas almas vivendo no erro das crenças muçulmanas ou das doutrinas protestantes, quantas acorrentadas mesmo ao comunismo ateu, e quantas mais que não puderam ainda ser arrancadas às formas idólatras do paganismo e vivem entregues às religiões mais primitivas que o homem tem conhecido!

Onde é de tal envergadura a obra a empreender sob a égide da Universidade e da Igreja, não podia faltar a inquietação da «Pax Romana» no sentido de tentar ser presença forte da Verdade na realização dessa empresa grandiosa que busca fazer, em nossos dias, uma nova «descoberta» do continente africano. Presentemente, «Pax Romana» conta apenas, nos seus quadros, com a federação da África do Sul, mas espera poder alargar, dentro em breve, o seu âmbito a outras federações, que venham a fundar-se com base em grupos, já numerosos, de estudantes católicos, que se têm formado em quase todos os colégios universitários.

Com efeito, o problema da estruturação e alargamento das possibilidades crescentes do apostolado universitário em África constitui uma das preocupações primordiais de «Pax Romana» no momento presente. Tanto assim é, que foi um dos assuntos largamente estudados durante a última Assembleia Interfederal, tendo-se chegado à conclusão de que, na fase incipiente em que tal trabalho se encontra ainda, «o objectivo principal do Movimento será pôr os estudantes africanos em contacto uns com os outros». É nesse sentido que se está encarando a possibilidade de realização de um «Seminário Africano», em moldes semelhantes aos do que na Ásia acaba de ser levado a efeito.

E nós?

Não só porque, como filiadas na «Pax Romana», temos de pensar, sentir e agir com ela, mas, muito directamente, porque sustentamos em África uma herança grandiosa de séculos — não podemos alienar a responsabilidade que nos cabe, para essa nova «descoberta» do continente africano. Pelo estudo interessado dos problemas e pela acção eficiente nas estruturas, temos de ser presença forte a afirmar-se, por qualquer das formas que possam estar ao nosso alcance, na tarefa gigantesca que há a empreender. E a nossa presença deve começar por concretizar-se, como é evidente, enquanto estudantes, junto das nossas colegas oriundas das províncias portuguesas em África, onde — embora, em muitos aspectos, o panorama actual seja inteiramente diverso do que foi apontado para o continente africano na sua generalidade — a obra que está a ser realizada não dispensa, como dirigentes, esses apóstolos universitários autênticos, de que falámos atrás.

Impõe-se, pois, que elas se formem — que todos nos formemos — nesse clima de responsabilidade, que rejeita categoricamente a inércia de uma vida fácil — dessa responsabilidade que nos vem de cinco séculos de presença em terras de África, a descobrir, a civilizar, a evangelizar.

Continua, através dos tempos, a verdadeira «descoberta» desse mundo sempre novo; e também hoje, como ontem — quer dizer, como na época em que Portugal mandava suas caravelas, marcadas com a Cruz de Cristo, por rumos desconhecidos — a mesma empresa continua entregue nas nossas mãos.

Maria Celeste Vaz de Sousa

Noticiário da «Pax Romana»

XXIII Congresso Mundial

Prosegue intensamente a preparação do próximo Congresso Mundial da «Pax Romana», que terá lugar em Inglaterra — como já noticiámos — de 17 a 25 de Agosto de 1955, simultaneamente com as reuniões das Assembleias Interfederal do MIEC e Plenária do MIIC.

O tema geral do Congresso — «Da Universidade à Vida: os problemas do jovem diplomado» — será desenvolvido em comissões de estudo, pela forma seguinte:

I — Introdução:

A situação da Universidade nas perspectivas de futuro do estudante:
— Estudo sistemático das razões pelas quais se procura a formação universitária; da formação que dá actualmente a Universidade; da repercussão destes dois factores na vida social.

II — Comissões:

1. No limiar de vida profissional

a) Os elementos determinantes da escolha de uma profissão: a vocação pessoal do estudante; as necessidades da comunidade nacional e internacional, do ponto de vista económico e do ponto de vista social. Como pode a Universidade ajudar a realizar um equilíbrio entre estes elementos.

b) Formação profissional, para além do diploma universitário: os problemas de estágio, internato, etc. Caso particular das vocações para a investigação e o ensino universitário.

2. O jovem diplomado na sociedade

a) Responsabilidades cívicas e sociais;

b) Responsabilidades familiares. Problemas económicos: assalariados e membros de profissões liberais;

c) Problemas dos exilados, refugiados e emigrantes.

3. O jovem diplomado perante a cultura

— * responsabilidade do universitário relativamente à cultura e ao seu próprio enriquecimento cultural; integração da especialização necessária do jovem diplomado numa visão total da cultura.



4. O jovem diplomado perante as exigências deontológicas.

— Crise moral que as necessidades materiais podem provocar.

5. O jovem diplomado e a vida de Fé.

— O problema da Fé nos universitários; santificação pessoal e vida sacramental; aceitação da sua responsabilidade de leigo; o seu papel na paróquia e na cristianização do «meio» de trabalho.

6. A jovem diplomada.

— Repercussão das condições actuais sobre a mulher universitária, do ponto de vista da sua vocação feminina: a mulher universitária, em face do casamento e do celibato.

7. Comissão especial.

— Preparação das conclusões. O papel de «Pax Romana», em relação aos diferentes problemas que afectam o jovem diplomado; cooperação entre as federações filiadas no MIIC e no MIEC, e entre os Secretariados profissionais do MIIC e os Subsecretariados do MIEC. Programa de estudo e de acção, para depois dos trabalhos do Congresso.

Semana de "Pax Romana,"

Decorrerá este ano de 1 a 7 de Março a **Semana de «Pax Romana»**. À breve distância a que já nos encontramos da sua realização, julgamos oportuno perguntar: — Terá cada uma de nós tomado consciência do sentido autêntico que ela deve revestir?

Não se trata, com efeito, de encarar a Semana de «Pax Romana» como uma meia dúzia de dias que em cada ano nos são artificialmente designados para que tentemos, quase à força, acordar da indiferença e do marasmo de um ano inteiro, e os passemos em agitação confusa do «meio», em propaganda (!...) atabalhoada e talvez pouco convicta de um Movimento que mal conhecemos, em tentativas de inserção forçada e superficial num espírito que não vivemos.

Muito mais do que isto — ou antes, completamente diferente disto — trata-se de fazer dessa Semana de oração e estudo uma breve paragem — paragem que será como uma plataforma na subida e que assim traz implícito, desde logo, um sentido dinâmico, porque significa um balanço do que ao longo do ano se tenha feito, em trabalho de profundidade, nas Secções e em todas as suas equipas, para um aferir de rumo com vista à intensificação, ao aprofundamento e à irradiação do trabalho futuro. Trabalho que essencialmente há-de consistir em tentativa persistente para ir criando em nós e nas nossas colegas esse «clima» de vida, essa atitude

(Continua na pág. 23)

Escolhendo o Caminho

Pediram-me que escrevesse, para ti, rapariga universitária, um artigo em que te falasse do problema das recém-licenciadas, em que te levasse comigo ao longo de caminhos que tu adivinhas, se já, no fim do teu curso, te debruças sobre o problema; de caminhos que tu sabes, se já estás formada.

Pensando bem, não escreverei um artigo; preferível é que me aproxime mais, para que tudo se passe como num diálogo e que eu faça desta conversa uma carta aberta.

Tu sabes, presentes; pelo menos, tens ouvido repeti-lo de mil maneiras diferentes e em todos os tons, que a vida — e a vida, nesta acepção é tudo quanto está para além das portas da Universidade — que a vida é difícil.

Claro, nisto há já qualquer coisa de errado — a vida é aquilo que nós construímos, instante a instante; é a presença que somos em cada momento que passa, é a altura a que subimos com as ogivas que rasgamos na alma em anseios de Deus; é a medida sem medida com que nos damos; é a beleza e a poesia e a graça que sentimos.

No *Fundação Cuidar o Futuro* recebem os uma preparação específica que nos ajudará melhor a realizarmo-nos e a projectarmos para diante e para o Alto todo o saber adquirido em esforço — quantas vezes obscuro e silencioso — toda a Luz que nos foi comunicada.

Temos um curso. Que vamos fazer dele? Já, anos atrás, ouvimos um chamamento; fizemos uma escolha; optámos por este e não por aquele caminho; pensámos, seriamente, que realizávamos com mais fidelidade a mensagem da nossa existência, se fôssemos médicas, advogadas, engenheiras, professoras; se nos debruçássemos sobre um microscópio num laboratório ou se nos tornássemos architectas... Parece que os problemas da vocação e que os problemas da opção disto em vez daquilo, estavam decididamente arrumados.

Evidentemente, as grandes interrogações não cessam de se pôr à nossa inquietação; e, nesta altura da nossa vida, ultrapassadas já as crises da adolescência, resolvidos, talvez, alguns dos maiores problemas de alma, deixadas para trás, talvez, algumas das horas de maior angústia — novos problemas, novas interrogações, novos desencontros, novas angústias vêm ao nosso encontro.

É a hora em que precisamos de maior serenidade para saber escolher

o melhor; de mais profundas certezas para abrirmos caminho até àquele lugar por onde ainda ninguém passou, que está vazio, à espera de nós, à espera do nosso entusiasmo, do nosso sonho, do nosso saber.

É a hora da fé para que, quando tudo parecer abrir fendas à nossa volta, quando tudo parecer esboroar-se aos nossos pés, quando se desprenderem da terra as raízes que nela mergulhámos, saibamos confiar e ficar de pé e, de frente, lealmente, abertamente, lutar.

Não será imagem literária dizer que sentimos desprenderem-se da terra as raízes que nela mergulhámos? Não. Tu sentirás como eu, como todas as que têm desânimos e esperanças, derrotas e cansaços, asas e anseios de inscrever na vida um grande sinal +, que após o último exame na Faculdade, após a formatura, se fica como que vagamente desiludida, vagamente como a menina dos contos de fadas perdida na floresta cheia de sombras, de medos e mistérios.

Começamos por julgar que aqueles 5 ou 6 anos passados lado a lado na Faculdade, num convívio diário, ouvindo as mesmas lições, estudando os mesmos problemas, tendo os mesmos interesses, nos tinham aproximado tanto que, depois, continuaríamos a sentir que pertencíamos à mesma comunidade, que estávamos para sempre a ela vinculados. E não é assim. Acabado o último exame, cada um parte, levando consigo o «seu» problema, que terá de resolver sózinho. Uma comunidade desfeita. Mundos à parte.

E cada um, só consigo mesmo, só a tentar resolver problemas que os livros não equacionam, que os professores nas aulas não esboçam sequer, que os nossos pais, distantes de nós uma geração já não conhecem em toda a sua profusão e cada um de nós sen e chega a hora em que terá de esperar contra toda a esperança, em que, para permanecer firme, terá de ir muito além de si mesmo.

Para nós, raparigas — os problemas não são quase nunca só profissionais. Não será só o problema de escolher dentro de um curso de múltiplas aplicações, aquela dentre todas que realize o harmonioso equilíbrio de todas as linhas de força, das coordenadas da nossa vida; não será só, porventura, decidirmo-nos por um trabalho de investigação ou tomar sobre nós tarefas mais executivas, não criadoras. Para além disto, haverá o imperativo de decidir perante uma vocação maior: casamento? celibato? vida religiosa? Os três caminhos possíveis, na certeza de que, qualquer deles, será, — uma vez escolhido — o que tem de realizar-nos, o que tem de santificar-nos.

Precisamente, o próximo congresso mundial da Pax Romana que terá lugar de 17 a 25 de Agosto em Londres e na Universidade de Nottingham, tem por tema «Da Universidade à vida — o jovem diplomado» e numa das suas sessões de estudo encarará o problema da mulher diplomada — em face do casamento e do celibato.

Até porque nos obriga este compromisso no plano internacional, cumpre-nos estudar o problema e tem a J.U.C.F. a preocupação de o fazer

à luz de valores eternos, num sentido de verticalidade, de subida para Deus, num impulso ascensional que tenha a força e a graça de um voo a rasgar o azul.

Muito haveria a dizer da rapariga diplomada que casa e tem filhos — mas tudo quanto agora dissesse neste campo suporia a rapariga licenciada, volvidos alguns anos após a licenciatura, já ultrapassada a fase de transição, já escolhido o rumo.

E é daquela que luta e sofre e está só e tem crises de desalento e talvez de fé que eu me propunha falar-te.

Daquela que começa a sentir dificuldades materiais de toda a ordem: em encontrar colocação, em achar justiça e rectidão nas provas a que se submete, estágios, concursos... — daquela que entra, como alguém chamou «no mundo dos adultos de facto e sofre o choque...

— do ideal com a coisa

— do novo em folha com o gasto pelo uso

— do entusiasmo com a moderação

— dos insatisfeitos com os instalados.»

Isto é apenas um diálogo como te disse no princípio. Estive longe de te dizer tudo. As minhas últimas palavras sejam para te deixar o meu testemunho e com ele uma palavra de confiança, para além de tudo e apesar de tudo.

Formada em Direito, há um ano, desde o meu 3.º Ano comecei a ir como vicentina a uma Cadeia de mulheres. Da experiência que, então, tive, preferia resumir-te, numa palavra — se podes, vai também e dá-te e sofre e esquece-te.

Segui um pouco o caminho espiritual do Prof. Carnelutti — advogado e professor italiano — «descobri» que naquelas encarceradas que a sociedade rejeitou é Cristo ainda que vive... «quando derdes um copo de água em meu nome é a Mim que o dareis... quando visitardes um preso é a mim que visitais». Cristo aceitando ignomínia maior que a da Cruz porque deixa pesar sobre os seus ombros o peso das cruzes dos que roubaram, dos que mataram, dos que se perderam por abismos ou se atolaram em pântanos... Ir e encontrá-LO!!

E desde então vivi para este sonho — trabalhar numa prisão — dar-lhes, às condenadas, amor, o melhor de mim, o que sei e o que sou.

Creio que o essencial para se alcançar alguma coisa na vida é querê-la. Querer contra tudo e contra todos, sabendo que de nós nada somos, que é Deus que actua em nós.

Hoje, escrevo-te sentada à secretária do meu gabinete de trabalho, numa Cadeia de Mulheres. Aqui me perpassam pelas mãos diariamente dezenas de processos, os seus caixos, reduzidos a 3 ou 4 páginas de uma sentença — e para além daquele esquema frio, quanto para saber, quanto para aprender e para pedir perdão — perdão da nossa mediocridade, perdão da nossa indiferença, perdão do nosso desamor.

Repara, um exemplo: aquela mulher; chama-se a si própria «filha da

noite»; tem 40 anos, parece ter 60. Marcada pelo sofrimento, pela tristeza baça de quem perdeu tudo. Quando estava «lá fora» era indesejável, porque se prostituía com escândalo público — e o escândalo, por ser público, é que a tornava indezível. Roubava também. Porquê? Porque, aos 10 anos, uma criança ainda, alguém lhe roubou a pureza. Aos 10 anos!... Pode ser que o caso se esteja a repetir, agora mesmo, perto de nós, e nós talvez o pudéssemos evitar!...

Ainda outro exemplo: aquela outra mulher, a quem foi preciso ler a sentença do Tribunal, prorrogando-lhe a prisão por mais 3 anos. Não. Não era simulação aquela expressão patética; não era mentira aquela máscara de dor. Eu acreditei nela, porque sabia que o que a fazia sofrer assim era a filha — 18 anos entregues a si próprio; — e ela tremia não por ela — eu acreditei — mas porque era mãe!

Esta rapariga talvez esteja à tua espera para se poder salvar. Tu deverias ir.

E assim muitos casos, todos os casos. A vivência de uma profissão assim até ao fim, porque nos exige tudo, é chegar ao fim da tarde cansada, mas com forças para fazer ao Senhor a oblação de tudo que se viveu e implorar-lhe a Sua graça para santificar aquelas mígalhas de boa-vontade que se deram.

Aurora Fonseca

(Continuação da pág. 24)

interior que seja reflexo de uma formação supracional e d'acção, que conduza a uma integração consciente e operante na comunidade universitária católica universal, e, por ela, a uma vivência integral, profunda, do Corpo Místico na plenitude das suas dimensões.

Será, pois, este o sentido que procuraremos dar à Semana, e será com esse objectivo que faremos por aproveitar todas as oportunidades que nos ofereça o programa elaborado para esses dias.

Noticias dos Lituanos

Através do Boletim que publicam em língua inglesa, chegam até nós notícias da Associação dos Estudantes Católicos Lituanos «Ateitis» — federada na «Pax Romana» — que, embora exilada nos Estados Unidos, continua a desenvolver progressivamente a sua acção.

No último ano, além dos trabalhos do costume e de algumas actividades extraordinárias comemorativas do Ano Mariano, os lituanos levaram a efeito, em Setembro, o seu V Congresso Nacional — o primeiro realizado por eles fora da Lituânia — que reuniu em Chicago algumas centenas de participantes. E, uma semana antes do Congresso, teve lugar o Campo de Férias anual da Federação, em que cerca de 120 estudantes tomaram parte.

Antoine de Saint-Exupéry

Saint-Exupéry é um exemplo acabado da vitória do espírito sobre as escravizações mecânicas. Quem tenha ainda dúvidas acerca da possibilidade que, apesar de tudo, resta ao homem de não deixar metalizar a alma no contacto diário com a máquina, há-de maravilhar-se e convencer-se perante a delicada sensibilidade com que ele, um técnico, fala dos instrumentos da sua profissão. É assim que ao referir-se necessariamente a comutadores, alavancas, motores, aparelhagem arresada, há nas suas palavras certa ternura agradecida que nos lembra, por vezes, a carícia do cavaleiro à montada que sujeitou, e se mostra dócil. A máquina, sob as suas mãos, palpita como um ser vivo.

Porque Saint-Exupéry, escritor, não deixa nunca de ser Saint-Exupéry aviador das carreiras comerciais francesas. E podia tê-lo feito. O psicólogo que se nos revela, o estilista que nos delicia, poderia ter sido tentado a pôr os seus dons ao serviço da literatura de ficção, e obter com merecido êxito os lauréis de romancista.

Mas, para Saint-Exupéry, isso representaria decerto uma espécie de traição à verdade da sua vida; e talvez que, por essa razão, nunca se afastasse dos seus temas quotidianos: «Terre des Hommes», «Vol de Nuit», «Courier-Sud», «Pilote de Guerre», dizem-nos muito mais que qualquer romance acerca da grandeza épica de quantas batalhas se travaram nos verdes anos da Aviação contra a noite, a tempestade, o deserto.

E com que violentas ou suaves tintas nos soube mostrar a desconhecida paisagem do espaço, porventura mais bela ainda que a da terra ou a do mar!

Só pelas suas qualidades excepcionais de prosador (ou de poeta?) já Saint-Exupéry tinha incontestáveis direitos a um lugar de primazia na literatura mundial.

A sua obra, porém, é alguma coisa que transcende o mundo da Arte considerada em si mesma, porque, não se limitando a produzir uma vibração emocional, projecta, de chofre, aquilo que faz a dignidade da pessoa humana: a consciência da responsabilidade, o espírito de amor fraterno que cimenta e transfigura as relações entre os homens.

Quando se escreve, como Saint-Exupéry, «Ser homem é, precisamente, ser responsável», fica-se vinculado à obrigação de fazer sentir a todos, o valor de semelhante postulado.

Antes de mais, a responsabilidade do chefe, primeiro de entre os responsáveis, cujo perfil nos recorta, magistralmente, na figura de Rivière, em «Vol de Nuit»: simultaneamente humano e implacável, amando nos seus subordinados a vocação de cada um, para a realização da qual os conduz com mão firme.

Depois, a responsabilidade das tarefas individuais, ainda as mais obscuras, todas, porém, indispensáveis no plano gigantesco da Criação.

Finalmente, a responsabilidade pavorosa dos destinos abortados pelo aburguesamento de mentalidades, pelo assassinio do Ideal. Mas, a par deste arrepio salutar perante a grandeza do que nos é exigido, reanimamos com a certeza quente da corrente de amor que circula no mundo, apesar de todas as incompreensões, de todas as indiferenças, de todos os ódios até.

Podemos então dizer da obra de Saint-Exupéry que ela é o cântico da amizade, e de tal modo, que somos instintivamente levados a pensar em como deve ter sido bom dar o nome de amigo a esse homem duro, leal, e simples ao ponto de escrever a obra-prima de ternura a que chamou «Le Petit Prince».

Pela mensagem de sinceridade e de compreensão que nos dirigiu, Saint-Exupéry merece de nós mais que um interesse literário e superficial: devemos-lhe gratidão e o desejo verdadeiro de viver profundamente a realidade da grande família humana.

Maria Isabel de Mendonça Soares

Os livros de que te falamos hoje, podes encontrá-los na secção bibliográfica do Secretariado Nacional da J. C. F., Av. Duque de Loulé, 90-r/c D., para onde poderás requisitá-los, também, mesmo que não residas em Lisboa.

PÁGINA DE ANTOLOGIA

«Le petit prince traversa le désert et ne rencontra qu'une fleur. Une fleur à trois pétales, une fleur de rien du tout...

— Bonjour, dit le petit prince.

— Bonjour, dit la fleur.

— Où sont les hommes? — demanda poliment le petit prince.

La fleur, un jour, avait vu passer une caravane:

— Les hommes? Il en existe, je crois, six ou sept. Je les ai aperçus il y a des années. Mais on ne sait jamais où les trouver. Le vent les promène. Ils manquent de racines, ça les gêne beaucoup.

— Adieu, fit le petit prince.

— Adieu, dit la fleur.

* * *

— «Ce qui embellit le désert, dit le petit prince, c'est qu'il cache un puits quelque part...

Je fus surpris de comprendre soudain ce mystérieux rayonnement du sable. Lorsque j'étais petit garçon j'habitais une maison ancienne, et la légende racontait qu'un trésor y était enfoui. Bien sûr, jamais personne n'a su le découvrir, ni peut-être même ne l'a cherché. Mais il enchantait toute cette maison. Ma maison cachait un secret au fond de son cœur...

— Oui, dis-je au petit prince, qu'il s'agisse de la maison, des étoiles ou du désert, ce qui fait leur beauté est invisible!

— Je suis content, dit-il, que tu sois d'accord avec mon renard.

Comme le petit prince s'endormait, je le pris dans mes bras, et me remis en route. J'étais ému. Il me semblait porter un trésor fragile. Il me semblait même qu'il n'y eût rien de plus fragile sur la Terre. Je regardais, à la lumière de la lune, ce front pâle, ces yeux clos, ces mèches de cheveux qui tremblaient au vent, et je me disais: ce que je vois là n'est qu'une écorce.

Le plus important est invisible... Comme ses lèvres entr'ouvertes ébauchaient un demi-sourire je me dis encore: «Ce qui m'émeut si fort de ce petit prince endormi, c'est sa fidélité par une fleur, c'est l'image d'une rose qui rayonne en lui comme la flamme d'une lampe, même quand il dort...» Et je le devinai plus fragile encore. Il faut bien protéger les lampes: un coup de vent peut les éteindre...

Et, marchant ainsi, je découvris le puits au lever du jour».

A. de Saint-Exupéry — «Le Petit Prince»

Não matarás

Sob este título, e do ponto de vista médico, caberiam assuntos bem distintos: a eutanásia, a eugenia, o aborto terapêutico, etc. Vamos aqui referir-nos apenas à eutanásia.

Eutanásia significa etimologicamente «boa-morte» e tanto se aplica à forma mais suave de matar os condenados (eutanásia punitiva) como à de suprimir os chamados «inúteis» ou pesados à sociedade (eutanásia eugénica), como à morte apressada e suavizada dos doentes em estado desesperado e muito torturados pelo seu mal (eutanásia por compaixão, eutanásia a pedido). Restringindo-nos, mais uma vez, só desta falaremos, visto que as outras pertencem a capítulos que devem ser estudados separadamente, sendo aliás qualquer deles apaixonante.

* * *

«Car j'ai vu trop souvent la pitié s'égarer». Assim começa o último livro de Saint-Exupéry (1) (poderíamos dizer: o seu testamento) e pode começar este estudo. Recordemos que o conceito de «próximo» nasceu com o Cristianismo e que, como todas as verdades cristãs, separado de Cristo tende para a monstruosidade. Por outras palavras — que frutos esperamos duma compaixão que não sabe a hierarquia dos valores que deve defender em favor daqueles a quem se refere? A vida é o primeiro dom do homem, base de todos os outros; é um bem superior às possibilidades humanas de criação, portanto de disposição — quem dentre os homens, então, se poderá arrogar o direito de dispor dela, de decidir quando e como deve terminar? Pretende-se defender o homem e apenas se consegue malbaratar o valor do seu maior bem. Há certas barreiras morais de valor absoluto; não se podem ultrapassar de um passo que não desencadeiem uma avalanche de erros. Assim é o respeito pela vida: onde a eutanásia «por compaixão» foi tolerada, logo os seus limites se alargaram, passou para as mãos do Estado, aceitou-se a eutanásia eugénica — e, perdido também, logicamente, o respeito pela dignidade humana, a última guerra viu os trágicos frutos deste plano inclinado...

E qual tem sido a atitude dos médicos? Em primeiro lugar, notemos que, em quase todos os grandes casos de eutanásia que têm agitado a opinião pública, nem a sugestão nem a realização pertencem a um médico — é uma irmã, um filho, a mulher, que num momento de maior aflicção e desorientação à vista dos sofrimentos do incurável, se resolvem ao homicídio, às vezes colaboração num suicídio. Põem assim um acto de

finitivo, irrevogável, sempre fruto de concepção materialista da vida (como se sofrer fosse o pior de todos os males e os benefícios da vida se resumissem em não sofrer) (2), tantas vezes de ignorância, e tantas, tantas, duma decisão inconsistente — quanto; doentes ouvimos nós desejarem morrer e, nessa mesma ocasião ou passado tempo, estarem profundamente ferrados à vida? Pois é quase sempre dos parentes; ou amigos que vêm as sugestões, mais ou menos veladas, junto do médico.

Seria uma alteração total do sentido da Medicina que o médico deixasse de combater a morte no exercício da sua profissão. Curar, aliviar — e, antes de mais, não prejudicar! — a sua função é esta. Nunca matar, tomar a responsabilidade de sancionar, conscientemente, um acto que vai dar a morte. Com que confiança olharia um doente para o médico que podia ser o juiz do seu extermínio? E qual é o médico que queira dizer: o progresso da Medicina parou aqui!? Doenças que hoje não se curam nem se aliviam, em pouco tempo, quem sabe, poderão ser domináveis, como já sucedeu com tantas outras. Cruzar os braços, desistir, fazer uma tabela de casos irremediavelmente perdidos... mas isso é, sequer, uma atitude de médico? Nem sequer há diagnósticos, quanto mais prognósticos, infalivelmente certos, como é da experiência de qualquer clínico, por melhor que seja...

O paradoxo do médico cristão é este: aceita a nossa condição mortal, sabe que faltam as dores de cada homem para completar a Paixão de Jesus — mas, em todas as circunstâncias, é o mais respeitador da vida, o seu defensor e protector; e, à semelhança do Mestre, toma todos os males do homem como inimigos, e insiste em aliviá-lo com toda a força das suas possibilidades. O Prof. Okinczyc resumiu bem o caminho do médico cristão que afronta a morte: respeito, uma vida que não nos pertence, lutar com inteligência e decisão para manter a vida, enquanto houver um sopro, suavizar humana e cristãmente a ruptura, que reconhece temporária, da alma com o corpo — portanto, ao serviço do corpo e da alma. (3)

De resto, não faltam as disposições jurídicas, civis e canónicas, contra a eutanásia. Algumas nos interessam particularmente como as expressas em tanto: discursos pontifícios, em especial os de Pio XII.

O código penal português diz textualmente: Será punido com a pena de prisão correccional aquele que prestar ajuda a alguma pessoa para se suicidar. Se, com o fim de prestar ajuda, chegar ele mesmo a executar a morte, será punido com a pena de prisão maior celular por 4 anos, seguida de degredo por 8.

E o projecto de código de deontologia médica, apresentado em 1950, não hesita: «a prática da eutanásia é absolutamente interdita».

Mas não haverá nada a fazer em face dum agonizante terrivelmente atormentado? Pode-se tentar aliviá-lo mesmo com risco de acelerar a morte? Neste caso sim, visto que o que interessa à significação do acto é

o seu objecto e o seu motivo, o fim em vista — que, neste caso, é aliviar e não matar:

E será permitido pôr o moribundo em estado de inconsciência? Aqui o problema é mais delicado. Muitos teólogos pensam que sim, desde que o doente tenha já ordenado os seus interesses terrestres, e sobretudo os sobrenaturais, fazendo o acto de submissão à Vontade Divina e tendo recebido os sacramentos; e isto principalmente se, torturado por dores violentas, está em perigo de desesperar e blasfemar da bondade do Senhor. Sabemos que Ele não permite que sejamos tentados acima das nossas forças, e o médico pode ser, neste caso, como sempre, colaborador do Pai que está no céu.

Ma; o ideal é que o doente se conserve lúcido até ao fim. A morte é a última provação do nosso amor, a última ocasião da nossa liberdade, que fixará o destino eterno de cada um. É o último grande momento da Misericórdia Divina. Queremos nós interceptá-la?

Esgotados os recursos humanos da sua profissão, é então que o médico deve, por aquele «colóquio singular» de homem a homem (4) que é a essência do acto médico, que nunca deve ter sido interrompido e sempre dirigido ao homem total, ajudar o seu doente a preparar-se para a passagem desta vida, e nascimento para a outra. Nem valerá a pena acentuar a obrigação que tem de não ocultar a aproximação do fim, embora com toda a prudência e caridade.

Então, abertas as portas eternas para cada cristão como para o próprio Cristo, poderá clamar como Ele: Ó Morte, onde está a tua vitória?!

Fundação Cuidar o Futuro

M. A. Vasconcelos

(1) «Citadelle».

(2) Dr. Biot: «Au service de la personne humaine».

(3) in «La Mort», ed. do Centro de Estudos Laënnec.

(4) Duhamel.

BIBLIOGRAFIA

«Medicina», n.º 69-70 — Lição do Prof. Augusto Vaz Serra.

«Acção Médica», n.º 56 — Um artigo do Dr. V. M. Santana Carlos.

«Cahiers Laënnec», n.º 2 de 1949.

«La Mort», ed. do Centro de Estudos Laënnec.

Noticiário da J. U. C. F.

Certamente já ouviste falar do nosso dia jucista, desse dia em que a Diocese de Lisboa recebeu as caloiras da JUCF.

Foi a 14 de Novembro. Amanheceu um dia de céu azul e ar límpido — dia ideal para o passeio planeado.

Às 9 horas da manhã, a capela do Colégio das Doroteias regorgitava de jucistas, muitas das quais, novas, tomavam, pela primeira vez, parte numa manhã jucista.

E a Missa começou — e ouviu-se entoar em conjunto, o salmo: «Rei até ao altar de Deus, de Deus que é a alegria da minha juventude».

Finda a Missa, a Presidente Geral falou-nos sobre: «A Criança e os seus problemas».

Por volta do meio-dia, aquelas que participavam no passeio, tomavam lugar nas camionetas. — E partimos, cheias de alegria, — a caminho do Linhão.

Chegadas à quinta da Fonte, cada qual procurava descobrir um local aprazível. De roda dum tanque, abria-se uma clareira que nos convidava a instalar-nos aí, à sombra do arvoredor.

Almoçou-se em comunidade e durante todo o almoço reinou a alegria no convívio com as novas — trocar de ideias, de experiências, de entusiasmos.

Antes de se iniciar a parte recreativa, foi lida às caloiras uma mensagem de boas-vindas da nossa Presidente Diocesana, que não pôde estar presente. **Fundação Cuidar o Futuro**

Apresentou-se, então, perante o auditório o grupo cénico, constituído pelas jucistas do Social, dotadas, segundo as suas próprias palavras, de «alto intelectualismo, profundo espiritualismo, tradicional corporativismo e trabalhando dentro dos mais perfeitos moldes do realismo...» Eis alguns trechos deste número:

«Não, não se trata duma coisa imaginária
Mas concreta, como a bicha solitária
Procuraremos lançar uma estrutura universitária
Fazer a profilaxia da malária;
E prestemos homenagem à memória do arcebispo de Cantuária
Sem esquecer o guarda-nocturno da área
E assim tenderemos para uma comunidade supra-universitária.»

.....
«Reunir-nos-emos no Campo de Santana
Trataremos da dignidade da pessoa humana
Das escorregadelas nas cascas de banana
E, se houver tempo, falaremos na Pax Romana.»

Este categorizado conjunto chamou depois as caloiras das diferentes Faculdades, para um interrogatório, destinado a avaliar do seu nível intelectual e capacidade de apreensão. Havia-as, ali, de todas as Faculdades. A elas se dirigiu, por fim, o grupo coral:

«Nos velhos corredores do Quelhas
As caloirinhas passeiam
A economia aumenta
Mas as finanças escasseiam.»

«É depois destes sete anos
Cheinhos de presunção
Verás que nenhum doente
Quer cair na tua mão.»

«Toda a menina prodígio,
Talentosa e aplicada
Corre a formar-se no Técnico
Engenheira diplomada.»

«Convencida que a mulher
É ao homem igualzinha
Até já a Agronomia
Serve à nossa caloirinha.»

«Sete anos serviu Jacob
A Raquel linda menina
Sete anos tens de aturar
Os mestres da Medicina.»

«Em casa não estou para isso
Tomo ares de baronesa
Mas aqui no Instituto
Das nabiças sou Marquesa.»

A completar esta segunda parte, assistimos a uma evocação da Ceia dos Cardeais, que foi interpretada por 30 jucistas de letras.

Terminada a representação, iniciou-se o regresso a Lisboa, pela Lagoa Azul, onde nos demorámos uns momentos. O resto da viagem foi alegre — todo o caminho se cantou e se riu — e à noite, quando, cansadas, chegávamos a Lisboa, trazíamos mais alguma coisa connosco, — a vivência da comunidade jucista — dessa comunidade cujo sentido está em Cristo e se realiza em «cor unum et anima una».

Promovida pela JUCF, realizou-se, no passado dia 26, uma pequena festa para as raparigas do Ultramar. Destinava-se a todas aquelas que passavam o Natal longe das famílias. A festa decorreu num ambiente de franca alegria e serviu para o estreitamento dos laços de todas as de Além-Mar. Nela se fez uma consagração ao Deus Menino, seguida de uma troca de prendas entre todas.

Cada província deu testemunho da sua presença: Moçambique, Índia e Macau — fazendo ouvir alguns dos seus cantares característicos.

M. J. S.

PRESENÇA

EDIÇÃO DA DIRECÇÃO GERAL DA J. U. C. F.
Avenida Duque de Loulé, 90, r/c-D. — Lisboa

Com aprovação eclesiástica

Composto e impresso nas Oficinas de S. José

PREÇO 2\$50

Fundação Cuidar o Futuro